

A Velha Casa de Madeira

(Ou a máquina do tempo)

TEXTO

O Teatro do Montemuro desafiou-me a escrever um texto sobre o encontro entre um velho e uma criança e os conflitos que dele surgissem. Desafiei-os a ser um encontro entre um menino e uma velha senhora. E assim foi.

Inspirado no realismo mágico de Ray Bradbury, meu autor do coração; na minha poeta predilecta Cecília Meireles e o seu jogo encantatório de palavras; no humor truculento dos Contos Tradicionais Portugueses e nas conversas com senhoras idosas fui compondo este texto. Varias sequências que foram se entretecendo com a delicada música Mary Keith – palavras musicais, música poética. Um texto evocativo da minha infância e da intimidade com a minha avó, as suas estórias e - (...)“ A Estória não quer ser história. A estória, em rigor, deve ser contra a História. A estória, as vezes, quer-se um pouco parecida à anedota.(...) João Guimarães Rosa. - a sua insubmissão ao poder patriarcal. Assim este texto está mais próximo da estória

- os casos narrados pela velha senhora – “máquina do tempo”. Ela viaja pelo passado sem nenhuma lógica histórica. Na verdade são apenas fragmentos de poesia e de transcendência, trincadas na maça da vida, das memórias e das sensações. As visitas do rapaz a esta grande mãe isenta de paternalismo é um itinerário iniciático com o passado, o presente e um futuro para além da morte – uma viagem pelas estrelas com a misteriosa poesia de Jorge Sousa Braga.

A ENCENAÇÃO

Um teatro para a infância com a confiança e o respeito pela inteligência do seu público. Um trabalho ao ritmo de várias leituras que poderão interessar também os seus acompanhantes – os adultos. Sem concessões ao infantilismo ou a papa-feita. Encontrei nos actores esta ressonância: um teatro para um público jovem, mas antes de tudo Teatro.

Três actores em cena, a representar Tal como no “faz de conta” das crianças – estas precursoras do próprio teatro com o seu jogo distanciado: “agora faço de velha”, “agora sou o menino”, “agora faço de velho”...

Assim uma jovem atriz faz de conta que é uma velha senhora fugindo a sete pés aos clichês. Dois actores de 40 anos entram também neste jogo e fazem-se de meninos.

A cenografia imaginada com o Purvim e a Ruby torna-nos viajantes nesta máquina do tempo onde a velha senhora habita. Passado, presente e futuro entrelaçam-se no jogo extra quotidiano pontuado pela presença do actor, sonoplasta, iluminador, músico e projecionista deste cinema transcendental. Deixamos tudo como um desafio a ser decifrado pela imaginação dos jovens espectadores .

José Caldas



A velha casa de madeira

(ou A Máquina do Tempo)

Texto Dramático de José Caldas

Uma poesia de Jorge Sousa Braga

(Inspirado em Cecília Meireles, Ray Bradbury, memórias de anciãos e Contos tradicionais Portugueses)

Abertura

(Vento, velho empoeirado entra ao som de nove badaladas ao vivo)

Velho - Quando eu tinha 9 anos era apaixonado pelas máquinas - a maquina do comboio que fumegava e fazia nuvens pelo céu fora; o barco a vapor a pintar as águas de branco, a máquina de costura da mãe a desenhar com a linha branca as mangas e os bolsos da minha camisa nova.

So que a máquina que eu mas queria descobrir era uma máquina do tempo, que me levasse de viagem pelo tempo fora. E então um dia encontra-a, foi assim...

(Velho dança, ao som de percussão ao vivo, a tirar pó dos cabelos, sacode o pó do grande casaco/corpo, volta à infância.

(À percussão junta-se música e vozes - sombras dos animais/teatro de sombras)

Numa casa de madeira
Morava uma velhinha
Que vivia, coitadinha
Sem ninguem pra conversar
E sentada na cozinha
A aquecer as mãozinhas
Reclamava sozinha
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Seu gato que ronronava
Aos pés de sua caminha
Ouvindo sempre a velhinha
Começou a ronronar
Também naquele resmungo
E quando ela murmurava
O gato também duetava:
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Também o cão que morava
Em uma casa vizinha
O galo, a ovelha e a galinha
Daqui, dali, d'acolá

Aprenderam a resmungar
Naquele cantarolar
Da Velha admirar
nhem-nhem-nhem,nhem-nhem-nhem...

E assim a velhinha
Que triste suspirava
Pois com ninguém conversava
Ficou toda alegrinha
Pois quando da boca saía
Aquele cançãozinha
O coro acompanhava
nhem, nhem, nhem, nhem, nhem, nhem...

Rapaz e seu ratito, no bolso - *(entre o riso e a troça)* nhem, nhem, nhem, nhem,
nhem, nhem...

1º Encontro com a velha

(Jogo da aproximação e do recuo físico e verbal - jogo com onomatopeias, sussurros, gritos...1ª vez - a velha atira-lhe nabo, passagem do tempo. 2ª vez - atira-lhe uma maçã, guarda maçã no bolso e o rato resmunga, passagem do tempo. 3ª vez - joga-lhe o rolo de fio. Pausa)

(Rapaz percorre a estrada de fio e chega à casa, sobe o primeiro degrau da escada. Depois tira a maçã e dá-lhe grande dentada. A velha indiferente continua a fiar, com seu gato no colo.)

Gato - Nhem, nhem, nhem, nhem, nhem, nhem.

Rato - *(aparece no bolso do rapaz)* Nhem, nhem.

Rapaz - Quietos Nelito! *(Oferecendo à maçã à velha)* Quer uma trincada?

Velha - *(rabugenta)* Não. Já sou muito velha, os meus dentes já dançam na boca. Nhem, nhem, nhem...

Rapaz - Eu sou o Manel e o meu ratito é o Nelito.

Gato - Nhemmmmmmm!

Velha - Chiu! Pois bem... e eu sou a Sra. Pacheco. Chamo-me Maria.

Rapaz - *(olha-a desconfiado)* Maria? ...

Velha - *(Lacónica)* Sim, Maria.

Rapaz - As pessoas de idade tem nome? Não sabia.

Velha – Rapaz quando tiveres a minha idade não te hão de chamar Manel. A velhice é uma coisa aborrecidamente séria. Tratam-me sempre, quando tratam, o que é raro, por Sra. Pacheco. Os novos não me chamam Maria. Se calhar parece falta de respeito.

Rapaz – Que idade tem?

Velha – (*rabugenta*) Nhem, nhem... Sou do tempo do Camões.

Rapaz – Não, a sério.

Velha – Oitenta e cinco.

Rapaz – Pois, é muito velha.

Velha – Mas não sinto diferença alguma de quando tinha a tua idade.

R – A minha idade?!!!!!!!

V – Pois sim, eu também já fui uma criança assim como tu... foi em 1920. (*rapaz suspira*) Que foi?

R – Nada... bem acho que devo ir embora... A minha mãe diz que é feio mentir.

V – Pois claro que é. É muito feio.

R – Diz também que não devemos ouvir mentiras.

V – (*Irritada*) Mas quem está a mentir?

R – (*pausa a comer maçã*) A senhora.

V – Eu? (*apontando o dedo ao peito*) A respeito de que?

R – A respeito da sua idade e de ter sido criança.

V – Mas eu fui! Há muitos anos, fui uma criança como tu.

R – (*Ao rato, no bolso, que balança o rabito*) Nelito, vamos embora!

V – Espera... Não acreditas em mim?

R – Não sei não.

V – Mas que coisa mais parva! É claro que todas as pessoas foram novas.

R – A senhora não... (*como se falasse consigo mesmo*)

V – Mas claro, já tive sete, oito, nove anos, como tu... Bem não vou perder o pouco tempo que me resta a discutir com uma criança de

9 anos. Quando tive a sua idade fui também tão parva como tu.

R - *(a rir)* A Senhora está a brincar comigo. Nunca teve 9 anos, pois não, Sra. Pacheco?

V - *(agressiva)* Vai-te mas é embora. Não gosto nada do teu riso.

R - O seu nome não é Maria.

V - Com certeza que é Maria! *(mergulha nas recordações - pausa)*

R - *(indo-se embora a rir)* Adeus.

V - *(à janela)* Eu também já brinquei as escondidas!

Velha - Que coisa! Nunca ninguém duvidou de eu ter sido criança. Mas que coisa mais parva e triste! Não me importo de ser velha... não me importo mesmo... mas não gosto que me levem a minha meninice!

2º encontro

(Volta música com os animais (fantoques), o rapaz e seu ratito - agora em tom "alegro ma non troppo" e ritmo diverso. O rapaz sobe ao 2º degrau)

R - Sra Pacheco!

V - Ola, tenho aqui umas coisas para te mostrar. E provar que também fui menina. *(tira duma cestinha uma infindável fita cor de rosa)* Usei isto quando tinha 8 anos, em 1920.

R - Que bonita.

V - E este é o anelito que usei aos 9 anos. Agora já não me cabe no dedo. Esta pedrinha é uma turmalina... Veja como brilha.

R - Deixa-me ver de perto. (coloca no dedo) Olha, é a minha medida.

V - Ah! Já brinquei com este peão! *(põe a peão a girar e fazer seu som)* E agora... (orgulhosa) meu retrato de quando tinha 7 anos. Este vestido fazia-me parecer uma flor cor de rosa!

R - Quem é esta menina?

V - Sou eu claro.

R - Mas não se parece nada com a senhora. Qualquer pessoa pode arranjar um retrato e dizer que é seu... não tem outros retratos? Retratos seus... de depois... dos 15 anos, dos vinte, dos 40 e dos 50?

(ri)

V – Eu não sou obrigada a mostrar-te tudo!

R – Então eu também não sou obrigado a acreditar em si.

V – Mas este retrato de 1920, é uma prova de que eu já fui criança!

R – Esta é outra criança como eu.

V – Eu já fui casada.

R – Mas onde está o senhor Pacheco?

V – Já se foi ha muito tempo, agora viaja nas estrelas. Se ele aqui estivesse, podia contar-lhe como eu era jovem e linda aos 20 anos.

R – Mas ele não está e não pode contar... Portanto não prova nada.

V – Tenho a certidão de casamento do ano de 1940. (procura na cestinha)

R – Ora a senhora deve te-la arranjado.. A única maneira de eu acreditar de que a senhora foi jovem é pedir a alguém que diga que a conheceu aos 10 anos.

V – Muitas pessoas viram-me, mas já estão mortas, meu pateta e outras vivem muito longe.

R – Bolas, então ninguém a viu!

V – Olha! Tens que acreditar em mim. Um dia serás tão velho como eu. E os meninos poderão dizer o mesmo de ti. Um dia serás como eu.

R - Não, não!

V - Espera e verás. Nunca reparaste na tua mãe, como ela vai envelhecendo, conforme passa o tempo?

R - Não. A minha mãe é sempre a mesma. (sai a correr) Adeus.

3º Encontro

(Música – “alegro”, passam os fantoches dos bichos. O rapaz e ratito cantam, rapaz sobe o 3º degrau)

R e Ratito – Nhem,nhem, nhem, nhem, nhem, nhem.

R – Sra Pacheco!

V – Entre já que estás aí...

Gato – Nhemmmmmmm...

V - (*a acalmá-lo*) Chiu Veludo.

R - (*relutante*) Na verdade nunca foi nova, pois não? Nunca usou fitas nem vestido de flor, pois não?

V - (rabugenta) Não.

R - Sempre viveu nesta casa de madeira?

V - Não, só depois de velha.

R - E nunca foi bonita?

V - Nunca.

R - Nunca em mais de 100 anos?

V - Nunca em mais de 100 anos.

R - Ah! E sempre trabalhou com o fuso?

V - Não. Só agora, depois de velha, é que comecei a fiar e desfiar o fio do tempo. Eu nunca fiava, gostava de ler romances, e o meu marido dizia:

Marido - (*retrato, na parede, cria vida - foto/marioneta de papel*)
Ó mulher, tu nunca fias?

V - Não tenho fuso.

Marido - Deixa estar que eu hei de ir à cidade e hei de comprar um fuso.

V - (*a segredar*) Depois foi à cidade e trouxe-me um fuso, fiz-me toda contente na sua frente, mas mal ele virou as costas quebrei-o para não ter que fiar.

Marido - Então, fiaste muito mulher?

Velha - O fuso quebrou-se.

Marido - Ora, todos os fusos que eu te compro tu o quebras: deixa estar que amanhã hei de ir a à tapada; hei de cortar um pinheiro e hei de mandar fazer um fuso de encomenda a ver se tu o quebras.

V - E foi. Naquele tempo não havia serras electricas. Foi com seu machado. Voltou depois, nem imaginas como, e contou-me esta história:

Marido: Pus os bois ao carro e fui cortar o pinheiro. Amarrei a corda ao pinheiro para o botar abaixo, mas ele caiu em cima dos bois e matou-os. Depois deixei os bois e o pinheiro cortado e vinha contar-te a desgraça. Mas ao pé de um rio onde

andavam uns peixinhos lindos atirei com o machado a ver se os matava, fugiram os peixes, então despi-me e meti-me no rio por mor de ir buscar o machado, foi um ladrão e roubou-me a roupa. *(eleva-se a marioneta e vemos o senhor nú)* por isso vim em pelota para casa.

R - *(ri-se)* Está foi boa! Adeus sra. Pacheco. *(sai a correr)*

Rapaz e amigo na rua

(a construir aviões de papel e a lança-los)

R - Assim, dobras duas vezes... *(a ensinar ao amigo)*

A cidade parece estar cheia de máquinas não é? O comboio, o vapor, o elétricos, as máquinas de costura... mas hoje vamos ver outra!

Amigo - Qual?

R - Uma máquina do tempo!

Amigo - Ahn? E viaja pelo passado e pelo futuro?

R - Só para o passado. Mas as vezes é muito divertido. Já chegamos.

Amigo - Ora bolas, está é a casa da Sra. Pacheco. Aqui não deve haver nenhuma máquina do tempo. Ela não inventa nada e se inventasse já tínhamos sabido de uma coisa tão importante como uma máquina do tempo. Chiça.

(rapaz sobe ao 3º degrau, amigo em baixo, sopra com desdém)

R - Tá bem, amigo, tranquilo. É claro que a Sra. Pacheco não inventou esta máquina. Mas tem direitos de autor sobre ela há muito tempo. Nós é que temos sido parvos e não notamos nada.

Sra. Pachecooooo... (silêncio) ela não ouve bem, anda.

4º Encontro

(a velha está na cadeira a meditar de olhos fechados)

Amigo - Ui, parece que está morta.

R - Não, está a pensar em outros lugares para viajar.

V - Olá pequeno.

R - Sra. Pacheco, eu trouxe o João comigo, viemos para...

V - Ola. Podem entrar..

Amigo - Onde é que está ...?

V - Onde está o que?

R - Bem ele quer dizer: onde é que está o assunto da nossa conversa... (*João dá uma cotovelada em Manel*) Não temos nada para contar. Conte a senhora uma história antiga.

Amigo - (*segredando*) Cuidado Manel, os velhos estão sempre a espera que a gente peça para falar, então começam a matraquear como um papagaio!

R - Sobre o senhor Pacheco.

V - Ahn?

R - 1930...

V - Ah, sim sobre o meu marido.

R - Isso mesmo.

V - Deixa cá ver... quando começamos a namorar não podíamos dar as mãos ou beijar-nos na rua, era proibido. Uma vez, fugi de casa para namorar escondido, estávamos a beijar-nos e um polícia tentou prender-nos, eu virei então ao contrário o meu anel de turmalina, ainda tinha o dedo fininho, e mostrei a ele como se fosse a minha aliança de casamento, nhem, nhem, nhem... Foi uma mentira, eu sei, mas uma santa mentira, não é? (*Mergulha nas lembranças - pausa*)

João - Está a dormir?

R - Não... está só a carregar a bateria.

João - (*segredando*) Mas onde está a máquina...

R - (*segredando*) Chiça! Que estúpido!... (*alto pra chamar-lhe a atenção*) Sim senhora é uma santa mentira

V- Ah pois, o Pacheco. Foi nos anos 40. Uma vez queria visitar a minha prima que morava em Espanha. Mas não pude ir pois tinha que ter uma carta do meu marido a autorizar... nhem, nhem, nhem... não fui, disse - que se lixe a carta, os pés são meus e caminho por onde quizer e também não uso o fuso novo! E vou vestir meu vestido decotado do qual não gostas!

R - De que cor era o vestido? Rosa? Como aquele que era flor?

V- Não sei, as cores vão se misturando... Está tudo um pouco enevoado. Vesti tantos vestidos, fui tantas vezes ao mercado, lavei tanta roupa, fiz tanto de comer... de maneira que, percebem, as cores fogem, confundem-se... (*pausa, fecha os olhos*)

Depois de tanto tempo esquecemos de sóis e de dias, de noites e de estrelas... Mas outras coisas voltam... tantas... lembro-me desta canção... *(fecha os olhos, ouve-se canção antiga em antigo gramofone, cai a luz geral, luz sobre a senhora)*

R - (segredando) Bem então é ou não é?

João - É o que?

R - Uma máquina do tempo!

V- *(voltando ao real)* Uma máquina do tempo? Vocês chamam-me assim?

R - Chamamos sim senhora!

João - Sim senhora.

R - Bem temos que ir jantar. Muito obrigado senhora. *(saem)*

V- E!

R e Amigo - Sim, senhora Pacheco...

V- *(na janela)* Pensei no que vocês disseram.

R e amigo - Sim.

V - E... vocês tem razão! E porque não pensei nisso antes? Uma máquina do tempo, meu Deus, uma máquina do tempo!

Caminhada dos Amigos

João - Pouca terra, pouca terra... Sou capaz de viajar 10 anos no passado hehe... pouca terra, pouca terra!

R - Ah... *(a olhar para a casa)* Mas não es capaz e de viajar 80 anos.

João - Não... não posso viajar 80 anos. Aquilo é que é mesmo viajar. É uma verdadeira máquina!
(Deitados a olhar as estrelas)

R - Ela é a melhor de todas as máquinas. Quanto mais ela fala mais nos despeter para ver tudo ao nosso redor e a reparar nas coisas. Diz que estamos num comboio que faz uma viagem pelas estrelas. Ela tem andado nos nesmos carris e sabes... aqui estamos nós pelos mesmos carris , vamos continuar a olhar, a farejar, a pôr as mãos na massa, e precisamos que a Sra. Pacheco:

V - *(voz of)* Acordem, tudo, tudo é para se recordar.

R - Assim, quando formos velhos e os miúdos vierem ter conosco, podemos fazer o que a Sra. Pacheco fez por nós.

4º Encontro

(Passagem do tempo, caem flocos de neve, volta música, tom menor, as sombras dos animais passam em câmara lenta, os rapazes voltam à velha casa de madeira, não ouvem o o nhem, nhem, nhem da velha, olham-se)

Rapaz – Sra. Pacheco. Sra Pacheco, Sra. Pachecooooooooo...

(silêncio – sobe as escadas, o gato vem ter com ele, enrosca nas suas pernas, olha para a casa depois para ele, como a avisar-lhe alguma coisa)

R – Sra. Pacheco... *(aproximam-se)*

Gato – *(nos pés dela)* Nhemmmmmm....

R e João – Sra. Pacheco!

V – *(resingona)* Deixa-me estar deitada... quero ficar assim... não quero levantar-me mais...

R – Sra. Pacheco o que está a fazer é muito mau... é como se rasgasse um contrato...

João – Esta casa sem a senhora vai cair. Tinha que me avisar com um ano de antecedência...

V – Rapaz quando alguém sabe que chegou a hora de dizer adeus aos amigos e partir num comboio espacial em direcção às estrelas, tem mesmo que ir, é natural...

R – Quem é que vai matar os carunchos da madeira das paredes na primavera?

V – Olha, tu, mas só se te divertires com isso.

R – Sim senhora... *(soluça)*

V – Então por que estas tu a chorar?

J – É porque amanhã a senhora já não estará cá.

V – Não choras, quando cortas as unhas e crescem novas, nem quando ficas com metro e 50 e o teu metro e 20 desaparece. Tu não te importas com isto, pois não?

R – Não senhora.

V – Pensa nisso então rapaz. Uma cobra não guarda a pele que larga, pois não? Daqui ha mil anos todos os rapazes da minha espécie estarão a trincar maçãs à sombra das azinheiras.

João - Da sua espécie?

V – Sim, da espécie humana.

R e Amigo – Ah, sim senhora.

V – Já provei de todos os doces e dancei todas as danças, agora tenho uma guloseima que nunca provei, a música que nunca escutei. Tenho um bocado de medo, mas sou muito curiosa! Não se preocupe comigo. Preocupa-te antes com o veludo. (*entrega-lhe o gato*) E agora vão-se embora e deixem-me pegar no sono.

R e Amigo – Bons sonhos, Maria.

(*o rapaz vai embora*)

V – Há muito tempo atrás, eu estava a sonhar com estrelas e estava a gostar muito do sonho, mas alguém me acordou - foi neste dia que nasci. E agora ... será que vou voltar ao fio desse sonho perdido? (*num sopro*) Nhem, nhem, nhem,nhem, nhem, nhem...

Nhem, nhem, nhem, nhem, nhem, nhem.

Rapaz – Quando a força de gravidade ganha vantagem, o corpo celeste encolhe com um balão a perder o ar e fica cada vez mais pequeno. Uma estrela pode então ir desaparecendo ate sumir. Com uma beleza enorme, descrita nesta fórmula:

$R_{sch}=2GM$

C

(*Acendem-se as estrelas - cantam todos*)

Música final

As estrelas também gostam de brincar as escondidas
A maioria das vezes encondem-se umas atrás das outras
Ou nas imediações de um quasar
Mas não há melhor lugar
Para uma estrela se esconder
Que num buraco negro
Elas vêm as outras
E ninguém as consegue ver.



The Old Wooden House

A play by José Caldas

A poem by Jorge Braga

Inspired by Cecília Meireles, Ray Bradbury, memories of the older generation and the portuguese traditional tales of Adolfo Coelho
Translation - Graeme Pulley

Opening

(Wind, a dusty old man enters to the sound of a bell ringing nine times live)

Old Man - When I was nine years old I was in love with machines - the railway locomotive with its smoke making clouds in the sky; the steamboat painting the waters white, my mother's sewing machine drawing the sleeves and pockets of my new shirt in white cotton.

But the machine I most wanted to discover was a time machine that would take me on a journey through time. And then one day I found it. This how it happened The Old Man dances, to the sound of live percussion, shaking the dust from his hair, shaking the dust from his great coat/body, returning to childhood.

(Music and voices join the percussion - shadows of animals/shadow theatre)

There was an old woman
Who was fed up
Who would have given her life
For someone to talk to.
She was always at home
The good old lady
Complaining to herself: nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem

The cat that slept
In a corner of the kitchen
Listening to the old woman
Also began

To miaow in the same language
And when she complained
The cat would join in: nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem

And then came the dog
From the neighbours house
Duck, goat, chicken
From here, from there, from far away

And all of them learned
To speak night and day
In that melody
Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem

So that the old woman
Who suffered greatly
For lack of company
Or someone to talk to
Was very happy
Because she only had to open her mouth
And they all replied:
Nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem
A boy with a mouse, in his pocket - (laughter and mocking)
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem

1st Meeting with the Old Woman

(Physical and vocal game of coming closer and moving away – game of onomatopoeia, whispers, cries ... 1st time the old woman throws him a turnip. 2nd time she throws him an apple, which he puts in his pocket and the mouse complains, time passes. 3rd time – she throws him a ball of thread. Pause.)

(the boy follows the road made by the thread until he gets to the house and climbs the first step. He then takes out the apple and takes a big bite. The Old Woman continues to spin, with the cat on her lap, indifferent).

Cat – nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem

Mouse – *(appears in the boys pocket)* Nhem-nhem

Boy – Stay still Nelito! *(Offers apple to the Old Woman)* Want a bite?

Old Woman – *(grumpy)* No. I'm already an old woman, my teeth already dance in my mouth. Nhem-nhem-nhem

Boy – My name is Manel and my mouse is called Nelito.

Cat –Nhemmmmmmmmm!

Old Woman – Shush! Now then ... and I am Mrs Pacheco. My name is Maria.

Boy – (looks at her suspiciously) Maria? ...

Old Woman – (laconic) Yes, Maria.

Boy – Do old people have names? I didn't know

Old Woman – My dear boy, when you reach my age people will no longer call you Manel. Old age is a boringly serious thing. People always call me, when they call me and that is not very often, Mrs Pacheco. Young people don't call me Maria. Maybe they think it would be rude.

Boy –How old are you?

Old Woman – (grumpily) Nhem, nhem ... I'm as old as Camões.

Boy – No, are you really?

Old Woman – Eighty five.

Boy – Yes, that is very old.

Old Woman – But I don't feel any different to when I was your age.

Boy – My age?!!!!

Old Woman – Yes, of course, I was once a child like you too ... it was back in 1920. (boy sighs) What is it?

Boy – Nothing... well I think I'd better be going ... My Mum says it's not nice to lie.
Old Woman: Of course it isn't. Not nice at all.

Boy – And she also says that we shouldn't listen to lies.

Old Woman – (Irritated) But who's lying?

Boy – (pauses as he eats the apple) You are.

Old Woman –: Me? (pointing with her finger at her own chest) What about?

Boy – About your age and about having been a child.

Old Woman –But I was! Many years ago, I was a child like you.

Boy – (To the mouse in his pocket that waggles its tail) Nelito, let's go!

Old Woman –Wait ... don't you believe me?

Boy – Don't think so.

Old Woman – How stupid can you get! Of course everybody was once young.

Boy – Not you ... (as if talking to himself)

Old Woman –Of course I was. I was once seven, eight, nine, just like you ... Well I'm not going to waste the rest of what little time I have left arguing with a nine year old child. When I was your age I was just as stupid as you.

Boy – *(laughing)* You must be joking. You were never 9 years old, were you Mrs Pacheco?

Old Woman – *(aggressively)* Just go away. I don't like the way you laugh.

Boy – Your name is not Maria.

Old Woman – Of course it's Maria! (she is lost in memories and pauses)

Boy – (laughing as he leaves) Good bye.

Old Woman – *(at the window)* I used to play hide and seek too!
How strange! Nobody ever doubted before that I was once a child. What a stupid and sad thing! I don't mind being old ... I really don't ... but I won't let them take away my girlhood.

2nd Meeting

(Music returns with animals (puppets), the boy and his mouse now in an "allegro ma non troppo" tempo with a different rhythm. The boy climbs to the second step.)

Boy – Mrs Pacheco!

Old Woman – Come in, I have some things to show you. To prove I was once a girl. *(takes out a basket with an endless pink ribbon in it)* I used this when I was eight years old in 1920.

Boy – It's very pretty.

Old Woman – And this is the little ring I used when I was nine years old. It doesn't fit on my finger any more. This little stone is a tourmaline ... See how it shines.

Boy – Let me see it close up. *(puts it on his finger)* Look it fits me.

Old Woman – Ah! I used to play with this spinning top *(spins the top and listens to its sound)* And now *(proudly)* a picture of me when I was seven. That dress made me look like a pink flower.

Boy – Who's that girl?

Old Woman – It's me of course.

Boy – But it doesn't look anything like you. Anybody can get a picture and say it's them ... haven't you got any more pictures? Pictures of you ... later on .. when you were fifteen, twenty, forty and fifty?

(laughs)

Old Woman – I don't have to show you everything.

Boy –And I don't have to believe in you either.

Old Woman – But this picture is from 1920, it's proof that I was once a child!

Boy – That's another child like me.

Old Woman – I was married once.

Boy – But where is Mr Pacheco?

Old Woman – He went away a long time ago, he's up there travelling through the stars now. If he was here he could tell you that I was once a young and beautiful twenty year old.

Boy – But he's not here and can't tell ... so that proves nothing.

Old Woman – I have my wedding certificate from 1940 (looks in the basket)

Boy – Yeah, you must have arranged that ... the only way that I'm going to believe that you were once young is to ask someone to say they knew you when you were ten years old.

Old Woman – Loads of people knew me, but they're all dead, or live a long way away now, you silly little boy.

Boy – What a shame! So nobody knew you.

Old Woman – Look! You have to believe me. One day you'll be old like me. And other children will say the same thing about you. One day you'll be like me.

Boy – No, no!

Old Woman – Just you wait and see. Haven't you ever noticed how your mother gets older as time goes by?

Boy – No. Mum's always the same. (runs out) Good-bye.

3rd Meeting

(Music "alegro", the animal puppets return. The boy and the little mouse sing, the boy climbs to the third step)

Boy and Mouse–Nhem, nhem, nhem, nhem, nhem, nhem

Boy – Mrs Pacheco!

Old Woman – You might as well come in ...

Cat – Nhemmmmmmmmmmm

Old Woman – (calming cat down) Shush Velvet.

Boy – (reluctantly) You were never truly young were you? You never used ribbons or flower dresses, did you?

Old Woman – (grumpy) No.

Boy –Have you always lived in this old wooden house?

Old Woman – No, only for as long as I've been old.

Boy –And you were never beautiful?

Old Woman – Never.

Boy –Never in a hundred years?

Old Woman – Never in a hundred years.

Boy –Ah! And did you always spin?

Old Woman – No, I only started spinning recently, as I got older, spinning and un-spinning the threads of time. I never used to spin. I used to like reading novels and my husband would say:

Husband – (picture on the wall comes to life – photograph/paper puppet)
Oh wife, why don't you ever spin?

Old Woman – I don't have a spindle.

Husband – Don't worry about that. When I go into town I'll buy you a spindle.

Old Woman – (whispering) Then he went into town and brought me a spindle. I pretended to be pleased to his face, but as soon as he turned his back I broke the spindle so I didn't have to spin.

Old Woman – So, did you spin alot wife?

Old Woman – The spindle broke.

Husband – Well, every time I buy you a spindle you break it: but don't worry, tomorrow I'll go to the wood and cut down a pine tree and I'll have a spindle made especially for you and we'll see if you break that.

Old Woman –And he did. There wern't any chainsaws in those days. He cut down the tree with his axe. Then he came back, you can't imagine and told me this story:

Husband - I hooked up the oxen to the cart and went to cut down the pinetree. I tied the rope on the tree to pull it down, but it fell on top of the oxen and killed them. Then I left the oxen and the pinetree I'd cut down and came to tell you of my misfortune. But as I went by a river, I saw there were many beautiful little fish swimming in it, so I threw in my axe to try and kill them, but the fish fled and so I undressed and walked into the river to recover my axe and a thief came and stole my clothes (the puppet is lifted and we see the gentleman naked) so I came home buck naked.

Boy - *(laughs)* That was great! Good-bye Mrs Pacheco *(runs off)*

Boy and a friend in the street

Making paper airplanes and throwing them

Boy - Like this, you have to fold twice *(teaching his friend)*

The city seems to be full of machines doesn't it? The train, the steamboat, the trams, the sewing machines ... but today we're going to see another.

Friend - Which one?

Boy - A time machine.

Friend: What? And it travels to the past and to the future?

Boy - Only to the past. But sometimes it's really fun. Here we are.

Friend - What a load of rubbish, this is Mrs Pacheco's house. There's no time machine here. She's never invented anything and if she had invented something as important as a time machine we'd know about it. Strewth!

(boy climbs to the third step, his friend lower down sighs in disdain)

Boy - Alright my friend, take it easy. Of course Mrs Pacheco hasn't invented this machine. But she has held the patent for it for a long time. It was us that were so stupid we couldn't see it.

Mrs Pachecooooooooo *(silence)* she's a bit hard of hearing, but let's go in, come on.

4th Meeting

(The Old Woman is sitting in her chair meditating with her eyes closed)

Friend - Oh dear, she looks like she's dead.

Boy - No, she's thinking of other places to travel to.

Ola Woman - Hello little one.

Boy - Mrs Pacheco, I brought João with me, we came to ...

Old Woman – Hello, come in...

Friend – Where's the ... ?

Old Woman – Where's what?

Boy – Well, what he means is: where were we, what was that thing we were talking about ... (João elbows Manel) We've got nothing to say. Can you tell us a story from the olden days.

Friend – (whispering) Careful Manel, old people are always waiting for you to ask them to tell stories and when they start they go on like parrots.

Boy – About Mr Pacheco.

Old Woman – What?

Boy – 1930 ...

Old Woman – Ah, yes about my husband.

Boy – That's right.

Old Woman – Let me see ... when we started seeing each other we couldn't hold hands or kiss in the street. It was forbidden. Once I ran away from home to do some courting on the sly. We were having a kiss and a policeman tried to arrest us and I turned my tourmaline ring over, I still had a slender finger then, so it looked like a wedding ring and showed it to him nhem, nhem, nhem ... it was a lie I know, but only a white lie wasn't it?

(Loses herself in memories)

João – Is she asleep?

Boy – No she's charging her batteries

João – *(whispers)* But where's the machine ...

Boy – *(whispering)* Strewth! You are stupid! ... (out loud so as to get her attention) Yes it was only a white lie.

Old Woman – Ah yes, Pacheco. It was 1940. Once, I wanted to visit my cousin who lived in Spain. But I couldn't go because I had to have a letter from my husband giving me permission ... nhem, nhem, nhem ... I didn't go. I said to myself – damn the letter, these feet are my feet and I can walk wherever I want to and I won't be wearing my new necklace! And I will wear my new dress with the bodice that you don't like!

Boy – What colour was the dress? Pink? Like that one that made you look like a flower?

Old Woman – I don't know. The colours get mixed up ... It's all a bit misty. I wore so many dresses, went so many times to the market, washed so many clothes, made so many meals ... so that ... you understand the colours begin to run, to get mixed up (*pauses, closes her eyes*) After all this time we start to forget the suns and the days, the nights and the stars ... but other things come back ... so many ... I remember this song (*closes her eyes, an old song can be heard, a gramophone recording, general lighting down, light on the lady*)

Boy – (*whispering*) Well is it or isn't it?

João – Is it what?

Boy – A time machine!

Old Woman – (*coming back to reality*) Is that what you call me?

Boy – Yes mam it is what we call you!

João – Yes mam.

Boy – Well we've got to go for dinner now. Thank you. (*they leave*)

Old Woman – Hey!

Boy and Friend – Yes, Mrs Pacheco ...

Old Woman – (*at window*) I've been thinking about what you said

Boy and Friend – Yes.

Old Woman – And ... you're right! And why didn't I think of it before? A time machine, my goodness, a time machine!

The friends take a walk

João – Choo-choo, choo-choo ... I can travel ten years into the past ... choo-choo, choo-choo!

Boy – Ah (*looking at the house*) But you can't travel back eighty years!

João – No ... I can't travel eighty years. Now that is what you call travelling. A true time machine!
Lying down looking at the stars

Boy – She's the best time machine there ever was. The more she talks the more she makes us look around and notice what's really there. She says we're on a train journey through the stars. She's been travelling along the tracks and you know .. here we are on those same tracks, and we'll keep looking, smelling, getting our hands dirty and we need Mr Pacheco to:

Old Woman – Wake up, everything, everything is there to be remembered.

Boy: So that when we're old and the kids come to us, we can do what Mrs Pacheco did for us.

4th Meeting

(Time passes, snow drops fall, the music returns, in a minor key, the shadows of the animals pass in slow motion, the boys return to the old wooden house, they don't hear the nhem, nhem, nhem of the old woman and look at each other)

Boy and Friend – *(together)* Mrs Pacheco. Mrs Pacheco, Mrs Pachecoooo
(silence – they climb the stairs, the old woman is lying down, still ...)

Boy – Mrs Pacheco ... *(drawing closer)*

Cat – *(at her feet)* Nhemmmmmmm...

Boy and João – Mrs Pacheco!

Old Woman – *(grumpy)* Can't you leave me alone ... I want to stay like this ... I don't feel like getting up any more.

Boy – Mrs Pacheco, what you're doing is very bad... it's as if you were tearing up a contract.

João – If you're not here this house will fall down. You had to give us a year's notice...

Old Woman – Boys, when somebody knows that the time has come to say goodbye to their friends and leave on a train to the stars, they have to go, it's natural...

Boy – Who'se going to kill the woodworm in the walls in the Spring?

Old Woman – Well you of course, as long as you have fun doing it.

Boy – Yes mam... *(sobbing)*

Old Woman – So why are you crying?

João – It's just that tomorrow you won't be here.

Old Woman – You don't cry when you cut your nails and they grow back, or when you grow to a meter and a half and the you that was only one meter twenty disappears. That doesn't bother you does it?

Boy – No mam.

Old Woman – So think about this boy. A snake doesn't keep the skin that it sheds does it? A thousand years from now all the boys of my species will be biting apples under the shade of a cork tree.

João – Of your species?

Old Woman –Yes, of the human species.

Boy and Friend – Ah, yes mam.

Old Woman –I've tasted all that is sweet and danced all the dances and now I have a treat that I've never tried, a tune I have never heard. I'm a little afraid, but I'm curious! Don't worry about me. Now go away and let me sleep.

Boy and Friend: Sleep well Maria.

(the boys leave in slow motion – they stop and freeze as the old woman says ...)

Old Woman – A long long time ago I was dreaming about stars and I was very much enjoying the dream, but someone woke me up – that was the day I was born. And now ... can it be that I will pick up the thread of that lost dream? *(in a whisper)*
Nhem, nhem, nhem, nhem, nhem, nhem ...

(the animals/puppets return)

Nhem, nhem, nhem, nhem, nhem, nhem

Final Song

(The stars light up – the two boys sing)

The stars like to play hide and seek too
Most of the time they hide behind each other
Or somewhere near a quasar
But there is no better place
For a star to hide itself
Than in a black hole
They can see all the others
And nobody can see them



La vieille maison en bois (ou La machine du Temps)

Texte par José CALDAS. Inspiré par Cecília MEIRELES, Ray BRADBURG, Mémoires de vieilles femmes et contes traditionnels portugais.

Traduction - Natércia Pacheco

Ouverture

(Du vent, vieillard poussiéreux entre en scène au son de neuf coups de cloche au vif.)

Vieillard – Aux temps de mes 9 ans j'étais passionné par la machine à couture de ma mère dessinant avec la ligne blanche les manches et les poches de ma chemise neuve

Mais la machine que je voulais le plus découvrir était une machine du temps qui aurait pu me transporter à travers le temps. Alors, je l'ai trouvée, comme ça...

(Le vieillard danse au son de percussion au vif, détachant de la poussière de ses cheveux, secouant la poussière de son grand manteau/corps, il revient au temps de l'enfance.)

(A la percussion s'ajoute de la musique et des voix – ombres des animaux/théâtre d'ombres).

Dans une maison de bois
Habitait une petite vieille
Qui vivait, la pauvre
Sans quelqu'un pour causer
Et assise dans la cuisine
Chauffant ses petites mains
Elle protestait toute seule
Nhem-, nhem, nhem,nhem, nhem

Son chat qui ronronnait
Aux pieds de son petit lit
Entendant la petite vieille
Il a commencé à ronronner
Avec le même grognement
Et quand elle murmurait
Le chat duétait aussi
Nhem-nhem-nhem-nhem.

Et le chien aussi qui habitait
Dans une maison voisine
Le coq, la brebis et la poule
D'ici, delà et d'ailleurs
Ont appris à grogner
Dans cette cantilène

Pleurnichée par la vieille
Nhem-nhem-nhem-nhem
Et c'est ainsi que la petite vieille
Qui soupirait tristement
Parce que personne causait avec elle
Est devenue toute gaie
Parce que quand cette petite chanson
Sortait de sa petite bouche
Cette petite chanson
Le chœur accompagnait
Nhem, nhem, nhem, nhem, nhem

Le garçon et sa petite souris, dans sa poche – (*entre la risée et la moquerie*)
Nhem, nhem, nhem, nhem
Tère rencontre avec la vieille dame
*(Jeu d'approche et recul physique et oral – jeu d'onomatopées, murmures, cris...
D'abord la vieille lui jette un navet; passage de temps. Une deuxième fois elle lui
jette une pomme; il met la pomme dans sa poche et la souris grogne, passage du
temps. La troisième fois elle lui lance le rouleau de fil. (Pause)*

Le garçon pacoure la route faite par le fil et arrive à la maison. Il monte la première marche de l'escalier. Ensuite il prend la pomme et arrache une grosse dentée. La vieille indifférente, continue à lancer le fil, avec son chat sur les genoux.

Chat – nhem, nhem, nhem, nhem...
La souris apparaît de la poche du garçon.
Nhem. Nhém, nhem, nhem....

Le garçon – Arrête Nelito! (*il offre une pomme à la vieille*). Voulez vous donner un coup de dent?

La vieille (grognerde) – Non, je suis trop vieille, mes dents dansent dans ma bouche.
Nhem, nhem, nhem....

Le garçon – Je m'appelle Manuel et ma petite souris est Nelito

Le chat – Nhém, nhem, nhem, nhem...

La Vieille – Tais toi! Bien... je suis Madame Pacheco. Je m'appelle Marie.

Le garçon – /il la regarde méfiant) Marie?

La vieille (laconique) – Oui, Marie.

Le Garçon – Les personnes âgées ont un nom? Je ne savais pas.

La vieille – Mon garçon, à mon âge on ne t'appellera plus Manel. La vieillesse est une chose embêtante. On m'appelle, quand cela arrive, ce qui est rare, Madame Pacheco. Les jeunes ne m'appellent pas Marie. C'est, peut être un manque de respect.

Le garçon – Vous avez quel âge?

La vieille (grognarde) - Nhem, nhem... Je suis du temps de

Le garçon – Non! C'est pas vrai...

La vieille – Quatre vingt cinq années

Le garçon – Alors, vous êtes très vieille.

La vieille – Mais pour moi, c'est pareil. Comme si j'avais ton âge.

Le garçon – Mon âge???? C'est pas possible!

La vieille – C'est ça! j'ai été un enfant, comme toi... C'était en 1920 (*Le garçon souf-le*). Qu'est ce qui t'arrive?

Le garçon – Rien. Je croi que je m'en vais... ma mère dit que mentir n'est pas beau.

La vieille – D'accord. C'est très moche.

Le garçon – Elle dit aussi que nous ne devons passa entendre des mensonges.

La vieille – (*fachée*) Mais qui dit des mensonges?

Garçon (pause, pendant qu'il mange sa pomme) – Vous, madame.

Vieille – Moi? A propôs de quoi?

Garçon- A propôs de votre âge et d'avoir été un enfant.

Vieille – Mais c'est vrai Celà faait des années que j'ai été un enfant comme toi.

Garçon – (*i s'adresse à la sourris, dans sa poche, qui balance sa petite quele*) – Neli-to on s'en va.

Vieille – Attends! Tu ne me crois pas?

Garçon – Je ne sais pas...

Vieille – Quelle bêtise c'est evident que les personnes ont été jeunes.

Garçon – Mais pas vous (*comme s'il parlait avec ses boutons*)

Vieille – Mais évidemment, j'ai eu sept, huit, neuf ans comme toi... Mais d'accord, j'ene vais pas perdre lepeu de temps qui me reste à discuter avec un enfant de neuf ans. A l'époque où j'avais ton âge j'étais aussi bête que toi..

Garços (riant) – Vous vous moquez de moi. Vous n'avez pas eu 9 ans, n'est ce pas?

Vieille – (*agressive*) – Va-t-en. Je n'aime pas ta façon de rire.

Garçon – Votre nom n'est pas Marie.

Vieille – C'es sure que je suis Marie! (elle reste dans ses mémoires. (pause)

Garçon – (*il s'en va rigolant*) Au r avoir!

Vieille – (*de sa fenêtre*) J'ai aussi joué au cache-cache!

Vieille – C'est pas possible! On n'a jamais mis en doute que j'ai été un enfant! Il n'y a rien aussi bête et triste! Je m'en fous d'être vieille... c'est vrai, je m'en fous... mais je ne veux pas qu'on me vole mon enfance!

2ème Rencontre

(Revient la musique avec les animaux (fantoques), le garçon et sa petite souris – maintenant avec un ton "alegro ma non troppo" et rytmes divers. Le garçon monte le 2ème degré).

Garçon – Madame Pacheco

Vieille – Hello! J'ai des choses que je veux te montrer. Et je vais te prouver que moi aussi, j'ai été une petite fille. (*Elle enlève d'un petit sac un interminable ruban rose*). J'ai joué avec ça quando j'avais 8 ans, en 1920.

Garçon – Qu'est-ce qu'elle est belle!

Vieille – Et celui-ci est une petite bague que j'ai porté à partir de 9 ans. Maintenant ça ne va plus dans mon doigt. Cette petite pierre est une turmaline... regarde comment elle brille.

Garçon – Laisse moi voir (*il met la bague dans son doigt*). Regarde, ça me va bien.

Vieille – Ah! J'ai déjà joué avec ce sabot (*elle fait tourner le sabot avec sa musique*) Et maintenant (*très fière de soi*) ma photo quand j'avais 7 ans. Cette robe me faisait paraître une rose.

Garçon – Et cette fille, c'est qui?

Vieille –C'est moi évidemment!

Garçon – mais ça ne vous ressemble en rien! N'importe qui peut trouver un portrait et dire que c'est a lui... vous n'avez pas d'autres portraits? Des portraits à vous... après les 15 années, des 20, des 40 et des 50 années?
(*il rigole*)

Vieille – Je ne suis pas obligée de tout montrer!

Garçon – Alors, je ne suis pas obligé de vous croire.

Vieille – Mais cette photo de 1920 est une épreuve en quoi j’ai été un enfant.

Garçon – Celle-ci est un autre enfant comme moi.

Vieille – J’ai été mariée.

Garçon – Et alors, où se trouve monsieur Pacheco?

Vieille – Il est parti depuis longtemps, maintenant il voyage dans les étoiles. S’il était ici, il aurait pu te raconter comment j’étais jeune et belle à l’âge de 20 ans.

Garçon – Mais il n’est pas là et il ne peut rien raconter. Ainsi cela ne prouve rien.

Vieille – J’ai le certificat de mariage daté de 1940 (*elle cherche dans son petit sac*).

Garçon – Et alors? Vous pouvez bien l’avoir trouvé quelque part. La seule façon de croire que vous avez été jeune est de demander à quelqu’un de dire qu’il vous a connu depuis votre 10^{ème} année.

Vieille – Beaucoup de personnes m’ont vu, mais elles sont déjà décédées et d’autres habitent loin d’ici.

Garçon – Zut! Alors personne vous a vue!

Vieille – Fait attention. Il faut me croire. Un jour tu seras aussi vieux que moi. Et les enfants vont te dire la même chose... Un jour tu seras comme moi.

Garçon – Non! Non!

Vieille – Tu vas voir! Tu n’as pas remarqué que ta mère aussi vieillit, avec le temps qui passe?

Garçon – Non! Ma mère est toujours la même (*il sort en courant*). Au revoir.

3ème reencontre

(Musique – “alegro”, passent les fantoches des bêtes. Le garçon et la petite souris chantent. Le garçon monte la troisième marche).

Garçon et petite souris – Nhem, nhem, nhem, nhem...

Garçon – Madame Pacheco!

Vieille – Entre, puisque tu est la

Chat – Nhem, nhem, nhem, nhem...

Vieille (calme le chat) – Tais toi Velours.

Garçon – A vrai dire vous n'avez jamais été jeune....n'est-ce-pas? Vous n'avez jamais mis des lacets ni des robes avec des fleur, n'est ce pas?

Vieille (rechigneuse) – Non.

Garçon – Vous n'avez pas toujours vécu dans cette maison de bois?

Vieille – Non, juste quando je suis devenue vieille.

Garçon – Et vous n'avez pas été belle?

Vieille – Jamais.

Garçon – Jamais en plus de 100 années?

Vieille – Jamais en plus de 100 années

Garçon – Ah! Et vous avez toujours travaillé avec votre fuseau?

Vieille – Non! Just maintenant, après devenir vieille, j'ai commencé à filer et défiler le fil du temps. Je ne filait pas, j'aimait lire des romans et mon mari disait:
Mari (*la foto, dans le mur, gagne vie - photo/marionnette en papier*) – Oh! Femme!
Tu ne files jamais?

Vieille – Non! Je n'ai pas de fuseau.

Mari – Ne t'en fais pas... Je dois aller en ville et je t'acheterai un fuseau...

Vieille – (*chuchotant*) Après il est allé en ville e til m'a apporté un fuseau. J'ai fait semblante d'être heureuse devant lui, mais ainsi qu'il a tourné le dos, j'ai cassé le fuseau afin de ne plus pouvoir filer.

Mari – Alors, ma femme, as tu beaucoup filé?

Vieille – Le fuseau est cassé.

Mari – Alors, tous les fuseaux que j'achete tu casses?! Demain matin je dois aller au parc. Je couperai un pin et je vais te commender un fuseau et on va voir si tu le casses.

Vieille – Et il est allé... À l'époque il n'y avait pas de serres électriques. Il l'a fait avec son hache. Après il est rentré chez nous. Après tu ne t'imagines pas comment et il m'a raconté l'histoire.

Mari – J'ai mis les boeufs en voiture et je suis allé couper le pin. J'ai attaché la corde au pin a fin de le faire tomber, mais il est tombé sur les boeufs et les a tué. Après j'ai laissé les boeufs et le pin coupé. Je devais venir te raconter le malheur. Mais à Côté d'une rivière où il y avait de beaux poissons, j'ai jeté mon hache, essayant de tuer quelques uns. Les poissons s'enfuirent. Alors je me suis deshabillé et j'ai plongé a

fin d'aller chercher mon hache... Alors un voleur m'a volé mès habits (la marionette se lève et on peut voire le monsieur nu) et c'est a cause de ça que je suis rentré chez nous au poil.

Garçon (rigolant) – Ah! C'est une bonne histoire. Au revoir Mme Pacheco.

Garçon et un copain dans la rue
(ils font des avions en papier et les lancent)

Garçon – Alors, tu plies deux fois... *(il montre a l'ami comment faire)*
On dirait que la ville est pleine de machines, n'est-ce-pas? Le train, la vapeur, les machines a couture... mais aujourd'hui nous allons voir une autre chose.

Ami – Quoi.

Garçon – Une machine du temps.

Ami – Ahn? Et elle voyage dans le passé et l'avenir...?

Garçon – Au passé, seulement. Mais parfois c'est très amusant. On arrive.

Ami – Zut! C'est la maison de Mme Pacheco. Ici, nous n'allons pas trouver une machine du temps... Elle n'invente rien et même si elle inventait une chose aussi importante, c'est sure que nous en aurions entendu parler.

(Garçon monte la 3ème marche, l'ami, en bas, souffle avec dédain).

Garçon – D'accord mon ami, reste calme. C'est evident que Madame Pacheco n'a pas inventé cette machine. Mais elle en a des droits d'auteur là dessus depuis longtemps. C'est nous qui sommes bêtes depuis longtemps et nous n'avons rien remarqué (silence). Elle n'entend pas bien, vient.

4ème Rencontre

(La vieille est dans sa chaise méditant, les yeux fermés)

Ami – Hei! On diiailt qu'elle est morte.

Garçon – Non! Elle pense à d'autres lieux de voyage.

Vieille – Holà! mon petit.

Garçon – Madame Pacheco, je suis venu avec Jean a fin de...

Vieille – Holà! Entrez.

Ami – Où esT...?

Vieille - Où est quoi?

Garçon – Bien, il veut dire: où est le thème de notre conversation? (*Jean lui donne un coup*). Nous n'avons rien à raconter. Madame racontez nous une vieille histoire. Ami (*en secret*) Attention Manuel, les vieux attendent toujours que nous leur demandions à parler et alors ils commencent à nous embêter comme des perroquets. Garçon – A propos de Monsieur Pacheco.

Vieille – Quoi?

Garçon – 1930...

Vieille – Ah oui! A propos de mon mari.

Garçon – C'est ça.

Vieille – Laisse moi penser... Quand nous sommes tombés amoureux c'était même pas permis de nous donner les mains où alors de faire la bise en public. C'était interdit... Une fois je me suis enfuie de chez moi à fin de me promener en cachette avec mon fiancé. Nous étions en train de faire la bise et un flick a voulu nous arrêter. Vite fait j'ai tourné ma bague de turmaline – j'avais encore mes doigts très fins... – et alors je l'ai montrée comme si c'était ma bague de mariage, nhem, nhem, nhem... c'était un mensonge, je sais, mais c'était un saint mensonge, n'est ce pas? (*elle se tait, enfuie dans ses mémoires ... pause*).

Jean – Est ce qu'elle dort? dans.

Garçon – Non! Elle charge ses batteries.

Jean (en secret) – Mais où est la machine?

Garçon (baisse la voix) – Qu' est ce qu'il est bête!-... (haute voix, afin d'appeler l'attention de la vieille) . Oui madame, c'était un saint mensonge.

Vieille – Ah Oui,,, Pacheco. C'était dans les années 40. Une fois j'ai voulu visiter ma cousine en Espagne. Mais je n'ai pas pu y aller parce qu'il fallait une lettre signée par mon mari, avec son autorisation. ... nhem, nhem, nhem. J e ne suis pas allée. Je me suis dit, je m'en fous de la lettre. Les pieds sont à moi et je marche par où je veux et je vais pas utiliser le fuseau neuf. Et je vais mettre ma robe décolletée, celle que tu n'aimes pas.

Garçon – C'était quelle couleur, la robe? C'était la rose? Comme celle qui était une fleur.

Vieille – Je sais pas, les couleurs se mélangent. Tout est un peu brouillé. J'ai eu autant de robes, je suis allée autant de fois au marché, j'ai lavé autant de vêtements, j'ai fait à manger tant de fois ... de telle façon que les couleurs s'enfuient, se confondent, tout est brouillé... (*pause, elle ferme les yeux*) Après tout ce temps, nous oublions des soleils et des jours, des nuits et des étoiles ... Mais il y a des choses qui reviennent... autant... je me rapelle de cette chanson (*elle ferme les yeux, on entend une vieille chanson, jouée par un ancien gramophone, tombe la lumière en général et lumière sur la dame*).

Garçon (en secret) – Alors elle est ou pas?

Jean – Elle est quoi?

Garçon – Une machine du temps

Vieille (revenant à la) – Une machine du temps? Vous m'appelez comme ça?

Garçon – Oui, nous vous appelons comme ça, Madame.

João – Oui Madame.

Garçon – Maintenant, nous allons diner. Merci, Madame. (*ils sortent*)

Vieille – Ei!

Garçon et Jean – Oui, Madame Pacheco...

Vieille – J'ai pensé à ce que vous avez dit.

Garçon et ami – Oui.

Vieille – Vous avez raison. Et pourquoi je n'y avait pas pensé avant cela?

Chemin des Amis

Jean – (*imitation du bruit d'un train*), ... Je suis capable de voyager dix ans a travers le passé hehe (*imitation du bruit d'un train*).

Garçon – (*regardant la maison*) Mais tu n'est pas capable de voyager 80 ans.

Jean – Non. Je ne peux pas voyager 80 ans. Ça c'est vraiment voyager. C'est une vrai machine.

(*couchés regardant les étoiles*)

Garçon – Elle est la meilleure des machines. Plus elle parle, plus elle nous réveille pour regarder tout autour de nous et faire attention aux choses. Elle dit que nous sommes dans un train qui voyage a travers les étoiles. Elle a été toujours dans les mêmes carris et tu sais... nous voilà dans les mêmes carris. Nous allons continuer de regarder et de flairer, a metre les mains dans le bouleau. Et nous avons besoin de Mme Pacheco.

(*voix off*) Réveillez vous, nous devons nous rapeler de tout

Garçon – Ainsi quand nous serons vieux et les enfants viennent chez nous nous pourrons faire la même chose que Mme Pacheco a fait avec nous.

4ème RENCONTRE

(Passage du temps, tombe la neige, revient la musique, ton mineur, les ombres des animaux passent lentement, les garçons reviennent à la vieille maison en bois, ils n'entendent pas oh oh nhem, nhem, nhem de la vieille, il se regardent)

Garçon – Mme Pacheco, Mme Pacheco, Mme Pacheco...

(silence – il monte les escaliers, le chat s'approche de lui, il se tortille autour de ses jambés, regarde la maison, après il regarde le garçon, comme s'il voulait le prévenir de quelque chose)

Garçon – Mme Pacheco (ils s'approchent)

Chat – *(aux pieds de Mme Pacheco)* Nhemmmm...

Garçon et Jean – Mme. Pacheco

Vieille – *(grogneuse)* Laisse moi rester couchée... je veux rester comme ça... je ne veux plus me lever.

Garçon – Mme Pacheco ce que vous faites est très méchant... c'est comme si vous étiez en train de déchirer un contrat...

Jean – Sans vous, cette maison va tomber. Vous auriez du me prévenir avec un an d'antécédence...

Vieille – Mon garçon quand quelqu'un sait que son heure de dire au revoir à ses amis et de partir dans un train spatial en direction aux étoiles, il faut s'en aller, c'est naturel...

Garçon – Et qui va tuer la vermoleure du bois des murs au printemps?

Vieille – alors c'est toi, mais seulement si ça t'ammuse.

Garçon – Oui Madame (sanglotant)

Vieille – Alors, pourquoi pleures tu?

Jean – Parce que demain vous ne serez pas là.

Vieille – Tu pleures pas, quando tu coupes les ongles et elles grandissent a nouveau, ou alors quand tu restes avec un metre et 50 et ton metre et 20 disparaît, Tu t'en fous, n'est ce pas?

Garçon – Non Madame.

Vieille – Alors pense a ça, mon garçon. Un serpent ne garde pas la peau qu'il lache, n'est ce pas? Ainsi dans mil années tous les garçon de mon âge seront en train de manger des pommes à l'ombre des chênes.

Jean – De votre espèce?

Vieille – Oui de l'espèce humaine.

Garçon et son copain – Ah, oui madame.

Vieille – J'ai goûté toutes les confitures et dansé toutes les danses, maintenant j'ai une.

Gourmandise que je n'ai jamais goûté, la musique que je n'ai jamais entendu. J'ai un peu de peur, mais je suis curieuse! Occupe toi avec Velours (*elle lui donne le chat*). Maintenant allez vous en et laissez moi dormir.

Garçon et son copain – Bons rêves, Marie.

(le garçon s'en va)

Vieille – Il y a très longtemps, je rêvais avec les étoiles, j'aimais le rêve, mais quelqu'un m'a réveillé – c'était le jour de ma naissance. Maintenant est ce que je vais revenir au fil de ce rêve perdu? (souflant) Nhem, nhem, nhem, nhem....

Garçon – Quand la force de la gravité gagne avantage, le corps céleste se réduit comme un ballon, perdant de l'air, se réduisant de plus en plus. Une étoile peut alors diminuer et disparaître. Avec une énorme beauté décrite dans cette formule:

$R_{sch} = ZGM$
C

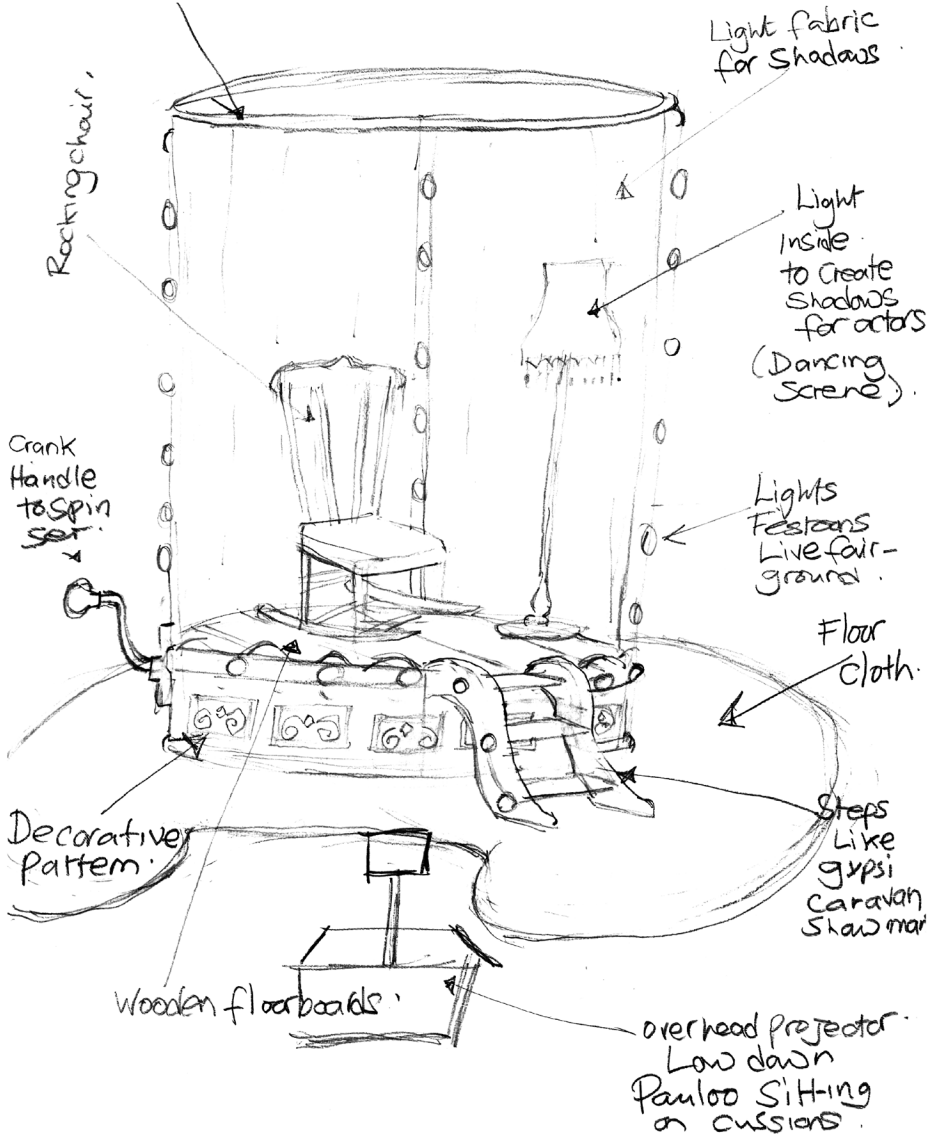
(Les étoiles s'allument – tout le monde chante)

Musique final

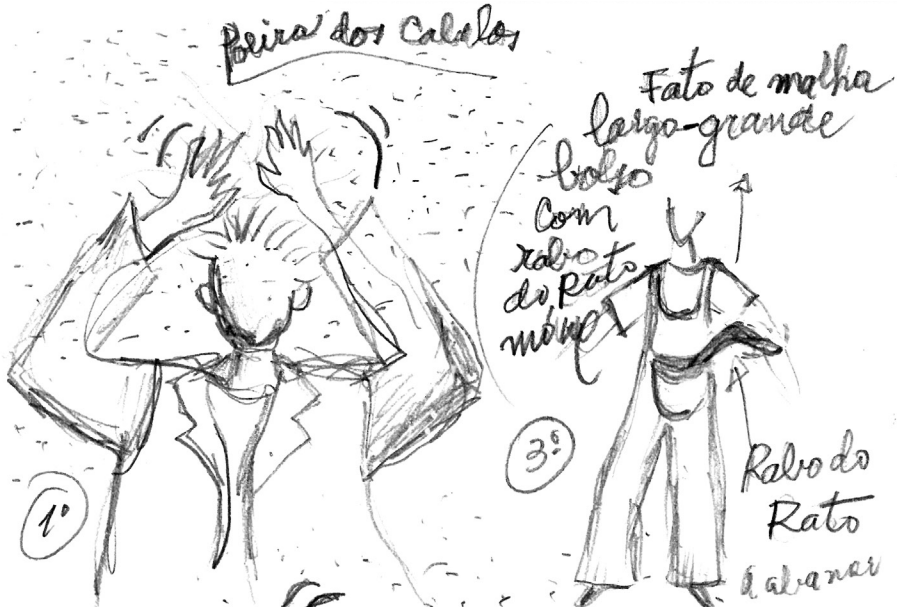
Les étoiles aiment aussi jouer cache-cache.
La majorité des fois elles se cachent les unes derrière des autres
Où alors proche d'un quasar
Mais il n'y a pas de meilleure place
Pour qu'une étoile se cache
Qu'un trou noir
Elles se voient les unes et les autres
Mais personne arrive à les voir.

Desenho de Cenografia

Sketch of Set design.
Music Box.
Curtain rail to create shadow screen.



Desenho de Encenação



CARA BRANCA DE PO'



Figurinos



Música

Estrella. Stars.

Handwritten musical score for 'Estrella. Stars.' consisting of six staves. The notation includes various rhythmic values (quarter, eighth, and sixteenth notes), rests, and dynamic markings such as f and mf . The score concludes with a double bar line and repeat dots.

Em

Music Rox

Handwritten musical score for 'Music Rox' on two staves. The notation includes notes, rests, and dynamic markings. Chord symbols F , B , and A are written above the notes. The score ends with a double bar line.

Am.

Handwritten musical score for 'Am.' on two staves. The notation includes notes, rests, and dynamic markings. Chord symbols A , G , and F are written below the notes. The score ends with a double bar line.

MONTEMURO

A velha casa de madeira

Texto Dramático de José Caldas

Uma poesia de Jorge Sousa Braga.



(Inspirado em Cecília Meireles, Ray Bradbury, memórias de anciãs e Contos tradicionais Portugueses)

Abertura

folhas de outono
(CASA 1ª IMAGEM)

(Vento, velho empoeirado entra ao som de nove badaladas ao vivo)

(Com as badaladas) *(2ª IMAGEM COM O VENTO)*

Velho - Quando eu tinha 9 anos era apaixonado pelas máquinas - a máquina do comboio que fumegava e fazia nuvens pelo céu fora; o barco a vapor a pintar as águas de branco, a máquina de costura da mãe a desenhar com a linha branca as mangas e os bolsos da minha camisa nova.

So que a máquina que eu más queria descobrir era uma máquina do tempo, que me levasse de viagem pelo tempo fora. E então um dia encontra-a, foi assim...

(Velho dança, ao som de percussão ao vivo, a tirar pó dos cabelos, sacode o pó do grande casaco/corpo, volta à infância.

(À percussão junta-se música e vozes - sombras dos animais/teatro de sombras ?



NUMA
Naquela casa de madeira
Morava uma velhinha
Que vivia, coitadinha
Sem ninguém pra conversar
E sentada na cozinha
A aquecer as mãozinhas
Reclamava sozinha
nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

*Os 3 setores em
figuras neutras
TOCAM PERCUSSÕES
E CANTAM*



Seu gato que ~~ronronava~~
Aos pés de sua caminha

dormitava

** a máquina de projectar
pluies*

Ouvindo sempre a velhinha
 Começou a ronronar
 Também naquele resmungo
 E quando ela murmurava
 O gato também duetava:
 nhem-nhem-nhem-nhem-nhem-nhem...

Também o cão que morava
 Em uma casa vizinha
 O galo, a ovelha e a galinha
 Daqui, dali, de acolá
 Aprenderam a resmungar
 Naquele cantarolar
 nhem-nhem-nhem,nhem-nhem-nhem...

E assim a ~~nossa~~ velhinha
 Que ~~tão~~ triste suspirava
 Pois com ninguém conversava
 Ficou toda alegrinha
 Pois quando da boca saía
 Aquela sua cançãozinha
 O coro ~~lhe~~ acompanhava
 nhem, nhem, nhem, nhem, nhem, nhem...



PERCORSO NA
 CASA

- o Recuo-Recuo
- o Baquetes

(Rapaz e faz - tudo
 continuava a cantar
 e acti z transformava-
 em Velho)

Rapaz e seu ratito, no bolso (entre o riso e a troça) nhem,
 nhem, nhem, nhem, nhem, nhem...

1º Encontro com a velha.

(Jogo da aproximação e do recuo físico e verbal - jogo com onomatopeias, sussurros, gritos... 1ª vez - a velha atira-lhe nabo, passagem do tempo. 2ª vez - atira-lhe uma maçã, guarda maçã no bolso e o rato resmunga, passagem do tempo. 3ª vez joga-lhe o rolo de fio. Pausa)

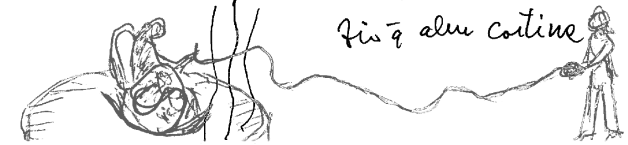


TALCO
 CABELO

(Rapaz percorre a estrada de fio e chega à casa, sobe o primeiro degrau da escada. Depois tira a maçã e da-lhe grande dentada. A velha indiferente continua a fiar, com seu gato no colo.)

Gato - Nhem, nhem, nhem, nhem, nhem, nhem.

Rato - (aparece no bolso do rapaz) Nhem, nhem.



Fio q' além continua



Veste-se a
 anos 30

R - O seu nome não é Maria.

V - Com certeza que é Maria! (mergulha nas recordações - pausa)

R - (indo-se embora a rir) Adeus.

V - (à janela) Eu também já brinquei as escondidas!

eu também já brinquei...

(velha dite cotina)



VELHA N FECHA

Roda CORTA

Velha - Que coisa! Nunca ninguém duvidou de eu ter sido criança. Mas que coisa mais parva e triste! Não me importo de ser velha... não me importo mesmo... mas não gosto que me levem a minha meninice!

→ 2ª MACAMB

3ª Ingress

(ANUAIS)

2º encontro

SOMBRA?

(Volta música com os animais (fantoches), o rapaz e seu ratito - agora em tom "alegre ma non tropo" e ritmo diverso. O rapaz sobe ao 2º degrau)

1ª Rodar Carnaval

Simazeni?

R - Sra Pacheco!

~~Sra Pacheco~~ ! ~~Como entrou?~~

12º DEGRAU

V - ~~Entre~~ OLHA, tenho aqui umas coisas para te mostrar. E provar que também fui menina. (tira duma cestinha uma infundável fita cor de rosa) Usei isto quando tinha 8 anos, em 1920.

R - Que bonita.

(quase mítica)



V - E este é o anelito que usei aos 9 anos. Agora já não me cabe no dedo. Esta pedrinha é uma turmalina... Veja como brilha.

R - Deixa-me ver de perto. (coloca no dedo) Olha, é a minha medida.

FITA INTERMINÁVEL

LEVE A VOAR

V - Ah! Já brinquei com este peão! (põe a peão a girar e fazer seu som) E agora... (orgulhosa) meu retrato de quando tinha 7 anos. Este vestido fazia-me parecer uma flor cor de rosa!

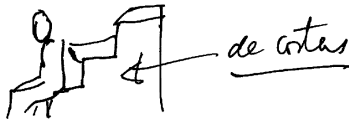
son com as voges polifonia



PIÃO MUSICAL

V - Olha! Tens que acreditar em mim. Um dia serás tão velho como eu. E os meninos poderão dizer o mesmo de ti. Um dia serás como eu.

R - Não, não!



V - Espera e verás. Nunca reparaste na tua mãe, como ela vai envelhecendo, conforme passa o tempo?

R - ~~Não~~. A mãe é sempre a mesma. (sai a correr) Adeus.

RODA - VELHA
N FECHA
CORTINA
3º Encontro



(Música - "alegro", passam os fantoches dos bichos. O rapaz e ratito cantam, rapaz sobe o 3º degrau)

R e Ratito - Nhem,nhem, nhem, nhem, nhem, nhem.

R - Sra Pacheco!

V - Entre já que estás aí...

Gato - Nhemmmmmmm...

V - (a acalma-lo) Chiu Veludo.

R - (relutante) Na verdade nunca foi nova, pois não? Nunca usou fitas nem vestido de flor, pois não?

V - (rabugenta) Não.

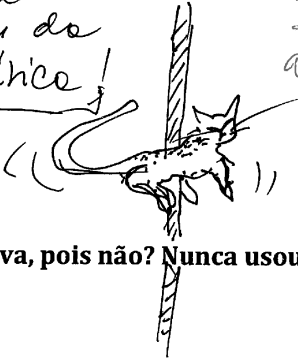
R - Sempre viveu nesta casa de madeira?

V - Não, só depois de velha.

R - E nunca foi bonita?

V - Nunca.

Courosel de animais do 1º município!



entre
Rapaz
joga
aí
elewa
amigo



rapaz
com
ratito

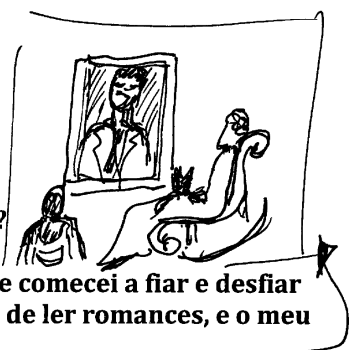
Velha com gato

gato x rato

R - Nunca em mais de 100 anos?

V - Nunca em mais de 100 anos.

R - Ah! E sempre trabalhou com o fuso?



V - Não. Só agora, depois de velha, é que comecei a fiar e desfilar o fio do tempo. Eu nunca fiava, gostava de ler romances, e o meu marido dizia:

Marido - (retrato, na parede, cria vida - foto/marioneta de papel)
Ó mulher, tu nunca fias?

V - Não tenho fuso.



Marido - Deixa estar que eu hei de ir à cidade e hei de comprar um fuso.

V - (a segredar) Depois foi à cidade e trouxe-me um fuso, fiz-me toda contente na sua frente, mas mal ele virou as costas quebrei-o para não ter que fiar. (Riso) *malta e rapaz*

Marido - Então, fiaste muito mulher? *inúteis quando ele fêlo.*

Velha - O fuso quebrou-se. *fantasma - do fuso*

Marido - Ora, todos os fusos que eu te compro tu o quebras: deixa estar que amanhã hei de ir a à tapada; hei de cortar um pinheiro e hei de mandar fazer um fuso de encomenda a ver se tu o quebras.

V - E foi. Naquele tempo não havia serras electricas. Foi com seu machado. Voltou depois, nem imaginas como, e contou-me esta história:

Marido: Pus os bois ao carro e fui cortar o pinheiro. Amarrei a corda ao pinheiro para o botar abaixo, mas ele caiu em cima dos bois e matou-os. Depois deixei os bois e o pinheiro cortado e vinha contar-te a desgraça. Mas ao pé de um rio onde andavam uns peixinhos lindos atirei com o machado a ver se os matava, fugiram os peixes, então despi-me e meti-me no rio por mor de ir buscar o machado, foi um ladrão e roubou-me a roupa, (eleva-

se a marioneta e vemos o senhor nú) por isso vim em pelota para casa.

R - (ri-se) Está foi boa! Adeus sra. Pacheco. (sai a correr)

IMAGENS CONFUSAS DA HISTORIA (MIXT) → Rapaz e amigo na rua. (TEMPO) Rapaz faz sombras de papel com vãos altos, eles lançados

R - Assim, dobra duas vezes... (a ensinar ao amigo) - ensine fazer uma avião
A cidade parece estar cheia de máquinas não é? O comboio, o vapor, os elétricos, as máquinas de costura... mas hoje vamos ver de papel outra! a máquina de projetar os filmes

Amigo - Qual?

R - Uma máquina do tempo!

Amigo - Ahn? E viaja pelo passado e pelo futuro?

R - Só para o passado. Mas as vezes é muito divertido. Já chegamos. (em frente casa de velha)

Amigo - Ora bolas, está é a casa da Sra. Pacheco. Aqui não deve haver nenhuma máquina do tempo. Ela não inventa nada e se inventasse já tínhamos sabido de uma coisa tão importante como uma máquina do tempo. Chiça.

(rapaz sobe ao 3º degrau, amigo em baixo, sopra com desdém)

R - Tá bem, amigo, tranquilo. É claro que a Sra. Pacheco não inventou esta máquina. Mas tem direitos de autor sobre ela há muito tempo. Nós é que temos sido parvos e não notamos nada. Sra. Pachecooooo... (silêncio) ela não ouve bem, mas vamos entrar, vem. ANDA!!

4º Encontro

RODA - VELHA SENTADA

(a velha está na cadeira a meditar de olhos fechados)

Amigo - Ui , parece que está morta.

(Acaba imagens)

11

João . (segredando) Mas onde está a máquina...

R - (segredando) Chiça! Que estúpido!... (alto pra chamar-lhe a atenção) Sim senhora é uma santa mentira

SONS DO PASSADO
PÊNDULO DE RELÓGIO

V- Ah pois, o Pacheco. Foi em 1940. Uma vez queria visitar a minha prima que morava em Espanha. Mas não pude ir pois tinha que ter uma carta do meu marido a autorizar... nhem, nhem, nhem... não fui, disse - que se lixe a carta, os pés são meus e caminho por onde quizer e também não uso o ~~calçado~~ novo! E vou vestir meu vestido decotado do qual não gostas!

DISCO
78 rotações
FUSO

R - De que cor era o vestido? Rosa? Como aquele que era flor?

V - Não sei, as cores vão se misturando... Está tudo um pouco enevoado. Vesti tantos vestidos, fui tantas vezes ao mercado, lavei tanta roupa, fiz tanto de comer... de maneira que, percebem, as cores fogem, confundem-se... (pausa, fecha os olhos) Depois de tanto tempo esquecemos de sóis e de dias, de noites e de estrelas... Mas outras coisas voltam... tantas... lembro-me desta canção... (fecha os olhos, ouve-se canção antiga em antigo gramofone, cai a luz geral, luz sobre a senhora)

IMAGENS
VESTIDOS

R - (segredando) Bem então é ou não é?

João - É o que?

dança com música
de trinta e anos 30

R - Uma máquina do tempo!

DISCO RISCADO

V - (voltando ao real) Vocês chamam-me assim?

UMA MÁQUINA DO TEMPO?

R - Chamamos sim senhora!

sonhos
Coral
que dança

João - Sim senhora.

R - Bem temos que ir jantar. Muito obrigado senhora. (sem)



V - Ei!

Como minha
Caixa de música

R e Amigo - Sim, senhora Pacheco...

V - (na janela) Pensei no que vocês disseram.

R e amigo - Sim.

V - E... vocês tem razão! E porque não pensei nisso antes? Uma máquina do tempo, meu Deus, uma máquina do tempo!

marcha atrás

Caminhada dos Amigos

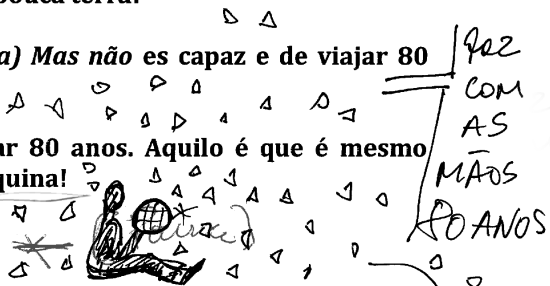
5 ↙

João - Pouca terra, pouca terra... Sou capaz de viajar ~~10~~ anos no passado hehe... pouca terra, pouca terra!

R - Ah... (a olhar para a casa) Mas não es capaz e de viajar 80 anos.

João - Não... não posso viajar 80 anos. Aquilo é que é mesmo viajar. É uma verdadeira máquina!

(Deitados a olhar as estrelas)



R - Ela é a melhor de todas as máquinas. Quanto mais ela fala mais nos desperta para ver tudo ao nosso redor e a reparar nas coisas. Diz que estamos num comboio que faz uma viagem pelas estrelas. Ela tem andado nos mesmos carris e sabes... aqui estamos nós pelos mesmos carris, vamos continuar a olhar, a farejar, a pôr as mãos na massa, e precisamos que a Sra. Pacheco:

(VOZ EM ECO)

V- Acordem, tudo, tudo é para se recordar.

R- Assim, quando formos velhos e ~~os~~ ^{os} ~~múndos~~ vierem ter conosco, podemos fazer o que a Sra. Pacheco fez por nós.

RAPAZ COM BOLA DE ESPELHOS PROECTA

4º Encontro

(Passagem do tempo, caem flocos de neve, volta música, tom menor, as sombras dos animais passam em câmara lenta, os rapazes voltam à velha casa de madeira, não ouvem o o nhem, nhem, nhem da velha, olham-se).



inverno - rapaz lareira neve solhe a velha música de neve!

3ª Parte muñco

Música final

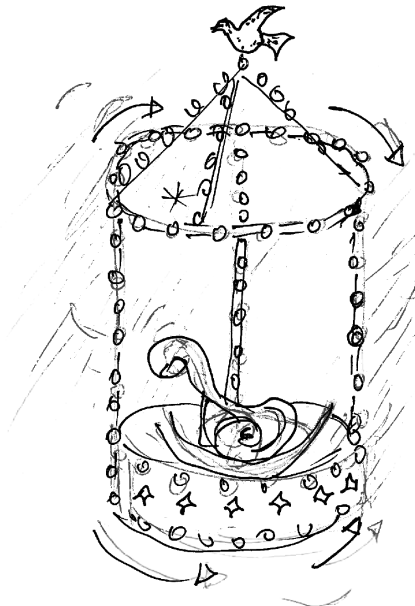
4ª Parte
TODOS

As estrelas também gostam de brincar as escondidas
 A maioria das vezes escondem-se umas atrás das outras
 Ou nas imediações de um quasar
 Mas não há melhor lugar
 Para uma estrela se esconder
 Que num buraco negro
 Elas vêm as outras
 E ninguém as consegue ver.
 Sugestões para a Cenografia

* Fundo branco onde se faz passar as sombras dos bichos; cria-se um céu estrelado; faz a passagem do tempo com as cores.

* Casa muito (leve como a própria velha) sobre pilotis, prancha com a cadeira da velha (que depois se transforma em cama); escada de 3 degraus; cortina para abrir e fechar, fazer de janela, porta, etc. Poder fechar toda e ver-se a sombra da velha através dela.

* A esquerda sugestão de rua, onde os rapazes brincam e caminham.



- Carroncel iluminado
- Cadeira de balanço balouço
- Sogrinha